

Uma vez... aconteceu

Estórias ditas por quem as viveu

Maria de Lourdes Cerca

Isidro Gonçalves

Fátima Correia

José Eduardo Gonçalves

Milú Rosmaninho

Lucete Martins

Lurdes Ferrão

APRESENTAÇÃO

Olá!

Como estão todos?

O que vos sugerem estas duas palavrinhas: “*Uma vez...?*”

Estórias, claro!

E têm razão. Trazemos-vos estórias. Mas estas não são estórias de Fadas. Nem de Príncipes ou Princesas. Nem de Duendes, Monstros ou Super-heróis. São estórias de verdade que foram vividas por pessoas que, aqui, são os nossos heróis, não de fantasia, mas reais.

Há muitos anos, quando os vossos avós eram crianças a vida deles era muito diferente, para pior, daquela que a maioria dos meninos têm agora.

Lembremo-nos, contudo, que essas melhorias não chegaram a todos e há ainda meninos que não têm a mesma facilidade em obter um boneco, uma guloseima ou mesmo uma refeição decente.

No entanto e na generalidade, vive-se, atualmente, com mais conforto e mais fartura. Diz-se até que vivemos numa sociedade consumista. Esse excesso de consumo e a facilidade de obter as coisas que desejamos e, às vezes, nem precisamos, faz com que não valorizemos muitas das necessidades que os nossos avós tiveram, quando eram crianças.

Muitos deles, principalmente nas aldeias, iam a pé, descalços ou calçados com tamancos. Os tamancos eram deixados à porta da sala para não fazerem barulho lá dentro e só quem tinha sapatos podia andar calçado. Os outros andavam descalços.

Os livros e outros apetrechos eram transportados numa sacola de pano ou serapilheira colocada a tiracolo. Hoje, usam-se mochilas XPTO.

À frente dos alunos, na parede, estava um quadro preto onde se escrevia, desenhava e se faziam as contas de matemática, com giz branco. Às vezes de cores, mas muito raramente. Sobre a secretária do professor ou professora estava pousada a “*menina de cinco olhos*”. Era assim chamada a régua com que os professores castigavam os alunos que davam erros ou se portavam mal. Uma reguada por cada erro ortográfico. Várias reguadas conforme a gravidade da asneira cometida.

Os exercícios eram escritos num pedaço de ardósia a que se chamava lousa. Escrevia-se com um lápis também de ardósia. O que se escrevia apagava-se com cuspo e limpava-se à manda da camisa.

Apesar disso e não tendo televisão, computadores ou videojogos, os meninos, nossos avós, viviam felizes e contentes.

O que não tinham inventavam, apelando à criatividade, à astúcia e à inteligência. Desse modo, nunca ficava nenhuma brincadeira por brincar, nenhum jogo por jogar.

As sete estórias que se seguem e que resultaram de um trabalho para a disciplina de teatro são escritas e contadas por outros tantos alunos da Universidade Sénior da Curia. Falam-nos desses tempos antigos e são um bom exemplo de como é sempre possível brincar e divertir sem o consumismo excessivo que temos que evitar, porque não é nada, mesmo nada, amigo do ambiente.

Vamos dar-lhe uma ordem numérica, de acordo com a antiguidade delas e não porque seja alguma mais importante do que outra – todas são igualmente importantes.

Um VIVA às estórias!

José Carlos Coelho, *professor*

Estória número um

O BONECO DE JUNCO

A primeira estória fala-nos de uma menina, que agora é uma senhora, chamada Lourdes Cerca. Ela queria um boneco, mas não o tinha.

A menina que viveu esta estória não chorou, nem se zangou nem pediu aos pais que lhe o comprassem. Mas também não desistiu. Pelo contrário: pôs a imaginação a funcionar. Vejam só como é que ela resolveu o problema.

Eu era criança e andava na Escola com outras crianças. Tinha um grande desejo: ter um boneco. Eu via as minhas amigas e outras meninas com um, ou até mais, mas eu, não.

Então, *deu-me na cabeça* e fiz um com trapos que a minha mãe tinha guardados para a costura e de esteira para as pernas e os braços.

As esteiras eram feitas com uma planta, que nasce perto da água, chamada bunho e serviam, às vezes, como colchões, para dormir a sesta no verão e também para outras finalidades. Por isso, a minha mãe castigava-me quando eu estragava as esteiras para fazer os bonecos.

Para não continuar a ser castigada, mudei de estratégia e deixei as esteiras sossegadas.

Fui à vinha, apanhei junco - que é uma planta parecida com o bunho e também nasce em locais húmidos - e, com muito amor e carinho fiz o meu boneco com o junco que apanhei. Brincava muito com ele, porque era o único que tinha, até se gastar.

Agora os bonecos duram mais porque são de plástico, mas no meu tempo não havia desses.

Quando concluí o exame da quarta classe, agora diz-se quarto ano, tive que ajudar os meus pais nas lides do campo e da casa. Nunca mais pensei no boneco de junco. Até que, imaginem...

Já quase com oitenta anos, numa viagem que fiz à Escócia, para visitar a minha família, ao passear pelo campo, encontrei junco.

Lembrei-me logo do meu velho boneco de junco, feito quando tinha a vossa idade.

E querem saber o que aconteceu a seguir?!

- Apanhei o junco e fiz um boneco igual ao outro. Fiquei tão contente, tão contente, que vocês nem imaginam. Foi como se me tivessem dado o melhor presente do mundo.

Às vezes é bom voltar a ser criança, mesmo que sejamos velhotes.

Estória número dois

A BICICLETA

Voltamos à escola que é precisamente o local onde acontece esta estória. Qual de vocês nunca desejou ter uma bicicleta?

Pois foi exatamente o que aconteceu com o Isidro Gonçalves. Quando foi menino, sonhava ter uma bicicleta. Será que o sonho se realizou? Vamos ver.

- Há muitos... muitos anos quando andava na escola, ia a pé da minha casa até lá. A estrada, se assim se podia chamar àquele caminho, era de terra batida, o alcatrão era só para as estradas principais. No inverno, a água da chuva formava poças e lama no caminho. Eu e os outros meninos adorávamos chapinar nas poças. Claro que os nossos pais não gostavam nada disso e de vez em quando a coisa corria mal para o nosso lado.

Eu tinha um colega chamado Válter, filho de gente rica, a quem nada lhe faltava. Até fazia inveja.

Os meus pais, pelo contrário, eram pessoas humildes e vivíamos com dificuldades, como acontecia com muitas outras pessoas naquele tempo.

Andávamos nós já na quarta classe - agora quarto ano, quando o Válter recebeu uma bicicleta como presente de anos.

Era vê-lo, todo vaidoso, a exhibir-se na bicicleta. - Volta para aqui, volta para ali, pirueta para a esquerda, pirueta para a direita... às vezes também ia parar com o rabo no chão, mas nunca se magoou muito. Só umas esfoladelas nos braços e nas pernas.

Eu ficava encantado a olhar para a bicicleta e a pensar: *“Um dia também vou ter uma bicicleta”*.

Como não havia quem me a oferecesse, - como aconteceu com o Válter, só poderia ter uma se a comprasse.

Mas, para a comprar precisava de ganhar dinheiro.

Passado um tempo após ter ficado aprovado no exame da quarta classe, arranjei um emprego e então, pensei: *“é agora que vou comprar a minha bicicleta”*

Infelizmente o ordenado era pequeno e grande parte do dinheiro que recebia entregava-o aos meus pais, para ajudar no governo da casa. As dificuldades eram muitas naquele tempo. O dinheiro que os filhos ganhavam, era quase todo entregue aos pais. Faziam isso até se casarem.

Sem dinheiro não havia bicicleta. E assim, o meu sonho foi ficando adiado. Mas não me saía da cabeça. Será que apesar das dificuldades, eu comprei a bicicleta?

O que acham vocês?

Não! O meu sonho não foi realizado.

Mais tarde, veio a tropa, tirei a carta de condução, comprei um carro e esqueci a bicicleta.

Quando nasceram os meus filhos lembrei-me do meu sonho de menino e pensei: -“*Não realizei o meu sonho mas vou realizá-lo aos meus filhos*” e comprei-lhes uma bicicleta porque felizmente já tinha dinheiro para isso.

E digo-vos: foi como se a tivesse comprado para mim.

Ficamos sempre com alguma mágoa quando não realizamos os nossos sonhos. Por isso, vocês, não desistam de realizar os vossos, se não for mais cedo que seja mais tarde como me aconteceu a mim. (Fim)

Estória número três

A QUINTA DA MINHA AVÓ

A estória que se segue, foi vivida numa quinta, lá para o norte de Portugal, bem longe daqui. Era uma quinta grande. Havia animais, muitas árvores, flores e frutos. Havia também uma grande casa de pedra escura e palheiros grandes. Mas nem a casa nem os palheiros eram assombrados ou misteriosos. Ainda assim tinham os seus pequenos segredos que não revelavam a ninguém.

Eu e os meus irmãos, quando eramos pequenos morávamos aqui, em Anadia. A minha mãe era de uma pequena aldeia, perto de Vila Real de Trás-os-Montes, bem no norte de Portugal. Os meus avós tinham lá uma quinta que se chamava Quinta do Prado.

A quinta era grande e a casa também. Era feita de granito que é a rocha mais comum naquela região. Nas férias, a minha mãe mandava-nos para lá. Era uma festa porque íamos de camioneta de carreira, ao cuidado do sr. Martins que era o revisor.

A viagem era muito demorada porque Vila Real fica longe de Anadia e as estradas eram más, cheias de buracos e curvas apertadas. Mas eu adorava.

Chegar à Quinta era uma alegria, porque já sabíamos que íamos brincar muito. Uma das nossas brincadeiras era atar uma corda a um pau e outra corda a outro pau a fazer de conta que que eram 2 vacas. Com os paus atados pelas cordas levávamos as *nossas vacas faz de conta* a pastar pela quinta. Era tão engraçado.

Na quinta havia um grande palheiro, onde se guardava a erva e a palha para os vacas, mas não era assombrado. Eu e o meu irmão brincávamos lá. Andávamos sempre muito entretidos nas nossas brincadeiras, mas... de repente, ouvia-se uma voz: "Ó *meninos...*" era o meu avô a chamar-nos: "... *venham apanhar os feijões*". E nós lá íamos contrariados, mas íamos, claro. Ai de nós se desobedecêssemos ao avô.

O meu avô era um homem alto, muito austero e exigente, sempre apoiado num cajado. A minha avó, pelo contrário, era baixinha como eu e muito meiga.

Ao lume, - sempre aceso, estava uma grande panela de ferro de 3 pernas. Lá cabia tudo: fruta que nós apanhávamos, milho, batatas, couves, beterrabas e tudo o mais que os porcos comessem, pois, aquela panela era mesmo só para cozinhar para os porcos que os meus avós tinham.

À tarde, quase ao cair da noite, depois de muito brincar, eu e o meu irmão íamos buscar, dizia-se recolher as *nossas vacas faz de conta*, que tínhamos deixado a pastar. Mas, a essa hora, também as vacas a sério eram recolhidas e então era uma festa. A minha avó dava a cada um de nós uma malga com bocadinhos da broa que ela

própria cozia e depois alguém mungia diretamente da vaca para a malga. As sopas feitas com aquele leite quentinho eram tão boas....

Lembro-me como se fosse ontem.

Tenho tantas saudades que ainda hoje faço sopas de broa. Mas, como não tenho o leite quentinho da vaca, tenho que ir ao pacote que está no frigorífico. Não é tão bom, mas pelo menos, mato saudades.

Lá na quinta, à noite, depois da ceia, rezava-se o terço à luz da candeia. Naquele tempo não havia luz elétrica. Eu e o meu irmão, cansados de tanto brincar, não passávamos da primeira *Avé-Maria*. Adormecíamos, que nem anjinhos, ao cantinho da lareira.

No dia seguinte tudo se repetia. Era brincar até cair de cansaço.

Eu gostava muito daquela quinta e ainda gosto porque não havia poluição. Tinha muita água, árvores em abundância e vegetação frondosa e verdinha. Os segredos que diziam haver naquelas velhas paredes e nas veredas da quinta, ninguém os conhecia.

Eu acho que consegui descobrir esses segredos, mas guardo-os para mim como se fossem tesouros. Ou, talvez um dia, os revele numa estória como esta. (Fim)

Estória número quatro

QUANDO EU FUI JOGAR À BOLA

E pronto!

De estória em estória se aviva a memória

Na estória seguinte vamos conhecer as peripécias de um grupo de rapazolas que não ligavam nenhuma ao que as mães lhe diziam. Esta estória é-nos contada pelo Zé Eduardo que é um dos tais rapazolas que só queriam divertir-se sem olhar às consequências.

É passada num jardim público e mete jogo de bola, polícia e imaginem... prisão.

Preparem-se. Vamos ouvi-la.

Éramos cinco amigos. Num certo dia de férias, fomos tomar um café e, sem nada para fazer, decidimos ir jogar à bola. Para onde é que não sabíamos.

Diz um dos cinco: - “Vamos para o Jardim”. Se bem pensamos, melhor fizemos. Mas, como na Mealhada só havia um jardim, que era o Municipal, foi para lá que fomos. O meu amigo João foi buscar uma bola a casa. Escolheu-se o guarda redes e toca a driblar e chutar à baliza. Claro que nem todas as bolas iam na direção da baliza. Algumas acertavam nas flores.

Andávamos nós a jogar felizes e contentes quando apareceu o jardineiro, que se chamava José. Este senhor era uma pessoa um bocado bruta e mal-educada. Ficou furioso e começou a chamar-nos “nomes” e a tentar roubar-nos a bola. É claro que nós não deixamos e respondemos da mesma forma, chamando-lhe também “nomes”.

Com ele dum lado e nós do outro, gerou-se uma grande confusão.

A páginas tantas o jardineiro resolveu ir embora e nós continuamos a jogar.

Tinha eu acabado de marcar um golo quando apareceram dois guardas fardados, da Guarda Nacional Republicana.

Disse-nos o Sr. Cabo Matos, que era o mais graduado dos dois: - “Vocês estão todos presos e têm que me acompanhar ao posto”

Bem procuramos desculpar-nos, mas ele não quis saber e lá fomos atrás dele para o posto.

No posto voltamos a encontrar o jardineiro que protestava contra nós, dizendo que o tínhamos ameaçado de morte, - o que era mentira.

Nós argumentamos que não era verdade, pedindo que nos deixassem sair, mas não conseguimos.

Resultado: ficámos os cinco presos e juntos numa sala.

No princípio até nos divertimos com a situação e foi uma grande galhofa. Mas só no princípio! À medida que o tempo passava íamos ficando preocupados e perdendo a vontade de brincar.

Passadas 3 horas, a porta abriu-se. Claro que pensamos que íamos ser libertados. Nada disso! Fomos direitinhos ao gabinete do Chefe da Guarda.

Levamos uma grande reprimenda do senhor.

Mas o pior foi quando ele nos disse que, para sairmos, teríamos que pagar setenta escudos e cinquenta centavos, o que hoje corresponde a pouco mais de 35 cêntimos, mas que naquele tempo era muito dinheiro. Claro que dissemos que não tínhamos dinheiro, - o que era verdade. Tinha sido gasto no cafezito.

“Já avisei as vossas mães. Ou elas pagam ou vocês ficam presos!” Disse o Chefe da Guarda

Uma a uma, as mães dos meus colegas naquela aventura, foram chegando. Pagavam e levavam os filhos, mas da minha, nem sombra. Quando perguntei ao polícia porque é que continuava preso disse-me ele: - *“A sua mãe não quer pagar. Diz que você bem pode ficar preso porque é um vagabundo, um malandro e só lhe dá desgostos.”*

E lá fiquei eu preso, sozinho e às escuras. Confesso que chorei tanto que até adormeci.

Já era madrugada quando a porta, ao abrir, me acordou.

Finalmente a minha mãe estava no posto para me levar para casa.

Nem fazem ideia do que eu ouvi da minha mãe. Ela teve muita razão. A quem mais lembraria ir jogar a bola num jardim público??

Sorte, sorte foi o meu pai estar fora, ou o final teria sido muito pior. (Fim)

Estória número cinco

O BATIZADO DA MINHA BONECA

Quem se lembra do seu dia de batizado? Ninguém se lembra, claro, porque, quase sempre, os nossos pais batizam-nos quando somos ainda muito pequenos. Mas, no batizado há sempre festa.

Esta estória fala-nos do batizado de uma boneca. Só que esta festa parece não ter corrido muito bem.

Vamos saber porquê nesta estória que nos vai ser contada pela Milú.

Quando eu era ainda pequerrucha, ofereceram-me uma boneca de papelão, quase do meu tamanho.

Minha mãe foi à mala onde tinha guardado as minhas roupas que iam deixando de me servir e adotou-as à minha linda boneca.

Cada dia eu lhe vestia uma roupa diferente e cada dia ela ficava mais bonita...

As outras crianças da aldeia vinham brincar comigo, pois eu tinha brinquedos e muitas delas não.

Um certo dia pensámos em dar um nome à boneca... e para isso teríamos de a batizar.

Se bem pensamos melhor fizemos.

Combinámos a festa.

la ser bem divertida e feliz...

Minha mãe preparou um lanche com muitas doçuras, um bolinho feito por ela e mais coisas...

A minha prima Madalena que era costureira, fez o vestido do batizado, com rendas e tudo...

Estava lindo, lindo...

Depois combinámos o local onde iríamos molhar a cabecinha da boneca.

Escolhemos ser numa pia de pedra para onde escoava a água dum tanque e que servia de bebedouro para os animais.

Muito bem!

Todos à volta da pia, iam atirando água para a cabeça da boneca, mas como demorava muito tempo, decidimos mergulhar a cabeça da boneca duma só vez na água.

Foi dito e feito...

Só que todos os meus amiguinhos quiseram fazer a mesma coisa, isto é, mergulhar a boneca.

Depois de tantos mergulhos a cabeça da boneca desfez-se toda e separou-se do corpo.

Ó que desgraça!!!!

Começamos todos a chorar e acabou-se a festa em tristeza.

Nunca mais batizei nenhuma boneca... (Fim)

Estória número seis

O DIA EM QUE EU FUI A JACINTA

A estória que se segue leva-nos ao encontro das três crianças que, em Fátima, disseram que tinham falado e visto a Nossa Senhora, em cima de uma azinheira, quando guardavam ovelhas. Esse acontecimento tornou-se muito importante para os católicos. Tão importante que ainda hoje é comemorado no dia 13 de maio.

Já todos ouviram falar certamente.

Quem sabe como se chamavam esses pastorinhos?

Exatamente. Lúcia, Jacinta e Francisco.

Pois, antigamente, havia o hábito de trazer a imagem da Senhora às aldeias e faziam-se procissões e representações teatrais daquele acontecimento vivido em Fátima pelas três crianças.

Foi assim que a Lucete se viu vestida de pastorinha, a fazer de conta que era a Jacinta.

Quando eu era criança, não havia escola no Outeiro de Baixo, que era a minha aldeia. Só a construíram dois anos depois.

Então, fui obrigada a frequentar a escola primária de Mogofores que ainda ficava um bocadinho longe, mas eu e os meus primos lá íamos a pé, às vezes descalços, porque os nossos pais não tinham dinheiro para nos comprar sapatos, quer estivesse frio ou calor. O calor era bom, mas o frio era difícil de aguentar.

Em Mogofores as pessoas eram muito religiosas. Até existia lá um Seminário.

Houve um ano em que fizeram, em maio, a peregrinação da Nossa Senhora de Fátima, pela aldeia.

Logo à entrada de Mogofores do lado de quem vai de Espairo, havia uma quinta, onde morava um casal. A quinta chamava-se Quinta do Sr. Soares, que era o dono. Ele e a mulher eram pessoas adoráveis, muito bons para nós e não tinham filhos. Como eu e os meus primos passávamos todos os dias à sua porta a caminho da escola, tratavam-nos como se fossemos da família.

A peregrinação, com a imagem da Senhora de Fátima, depois de percorrer as ruas da aldeia, foi terminar em frente da dessa quinta, onde havia um pinhal e um grande sobreiro, que é uma árvore parecida com a azinheira.

Tiveram então a ideia de recriar algo semelhante à Aparição de Nossa Senhora de Fátima. Quem fez de conta que era Nossa Senhora foi uma rapariga mais velha, para aí com 20 anos, mais ou menos. Eu e os meus primos fizemos de pastorinhos.

A mim, porque era a mais pequenina, calhou-me fazer de Jacinta.

Fiquei tão contente, tão contente, que vocês nem imaginam.

Ainda hoje me lembro-me, com ternura do dia em que fui a pastorinha Jacinta.

Pronto. Assim acaba a minha estória. (Fim)

Estória número sete e última.

A MINHA AVÓ E A LUA

Quantos de vocês já olharam bem para a lua, numa noite em que ela se mostra inteirinha?

Como sabem a lua nem sempre se consegue ver toda inteira. Umhas vezes mostra-nos uma imagem que parecem letras; umas vezes um D maiúsculo, e diz-se que está a crescer outras, um C, também maiúsculo e diz-se que está a decrescer.

Ora, quando ela cresce até parecer um círculo - diz-se que está lua cheia - desvenda um segredo, muiiiito estranho, passado há muitos, muitos anos. Sabem qual é?

A estória que nos vai ser contada pela Lurdes Ferrão revela esse segredo.

Não acreditam?

Então, prestem atenção.

Lembro-me com ternura e alguma nostalgia dos meus tempos de menina e, em especial, das muitas vivências que tive o privilégio de experienciar com as minhas avós.

Nessa época acompanhava (muitas vezes), depois da escola, a minha avó materna, a Ti Cecília do Zé Saramago, nas duras tarefas do campo. Ela nos apanhava gravetos e agulhas que caíam dos pinheiros e que, há época, alimentavam diariamente as lareiras térreas, tipicamente portuguesas e ajudavam a curar o fumeiro que os netos só podiam olhar e cheirar. (Quem viu, já, um fumeiro? O fumeiro, para quem não sabe é constituído por alguns ferros que se colocam na chaminé onde se dependuravam as chouriças que resultavam da matança do porco, para apanharem fumo. De facto, nos dias de hoje o fumeiro já quase não se vê nas casas dos nossos avós)

A degustação (prova) seria só no dia da festa de São Sebastião.

Foi numa dessas idas ao pinhal que esta história teve início.

“Vó, posso ir consigo à lenha e às agulhas? Faz-me um molhito e uma rodilha para eu a ajudar?”

Ancinhos às costas, duas cordas e duas rodilhas (rodilha?) e lá fomos até às Gândaras. E foi no regresso tardio de uma dessas viagens fantásticas aos pinhais que perguntei, olhando para o céu:

“- Vó, já viu que linda está a lua? Será que mora lá alguém? “

Sem retirar da cabeça o enorme feixe de agulhas, a minha avó ergueu os olhos e com um olhar intrigante, talvez pela sabedoria que encerrava, respondeu calmamente:

-“Dizem que na lua mora um homem que foi castigado e levado para lá por Deus porque trabalhava ao domingo. Sabes, quando isso aconteceu o homem trazia, tal como nós um carregão às costas, mas de silvas.”

-“Vó, acho que estou a ver o homem lá na lua - disse eu de olhos brilhantes de curiosidade.”

- *“Sim, filha. E vais vê-lo muitas vezes, porque este castigo de Deus vai durar para sempre.”*

Passaram dias, anos, décadas e muitas luas... mas, ainda hoje, quando olho para o céu, em noites de lua cheia, recordo com enorme saudade este episódio retirado do fantástico da minha infância e...o rosto da minha avó. (Fim)

Estas são as estórias que se tornaram inesquecíveis para quem as viveu. Foram importantes para eles, porque, se o não fossem não as recordavam.

Com elas, também nós, podemos aprender muitas lições. Não concordam? Que ensinamentos poderemos extrair destas estórias?

Será um bom motivo para um trabalho de grupo, que poderão realizar na vossa escola ou mesmo em casa com os vossos familiares? Se concordarem, força, mãos à obra.

Entretanto vão pensando nas estórias que, quando forem avós, nos poderão contar, tal como o fizeram as avós e os avôs: Lourdes Cerca, Isidro Gonçalves, Fátima Correia, José Eduardo Gonçalves, Lucete Martins, prof^a. Milú Rosmaninho e prof^a. Lurdes Ferrão.

Boas estórias!